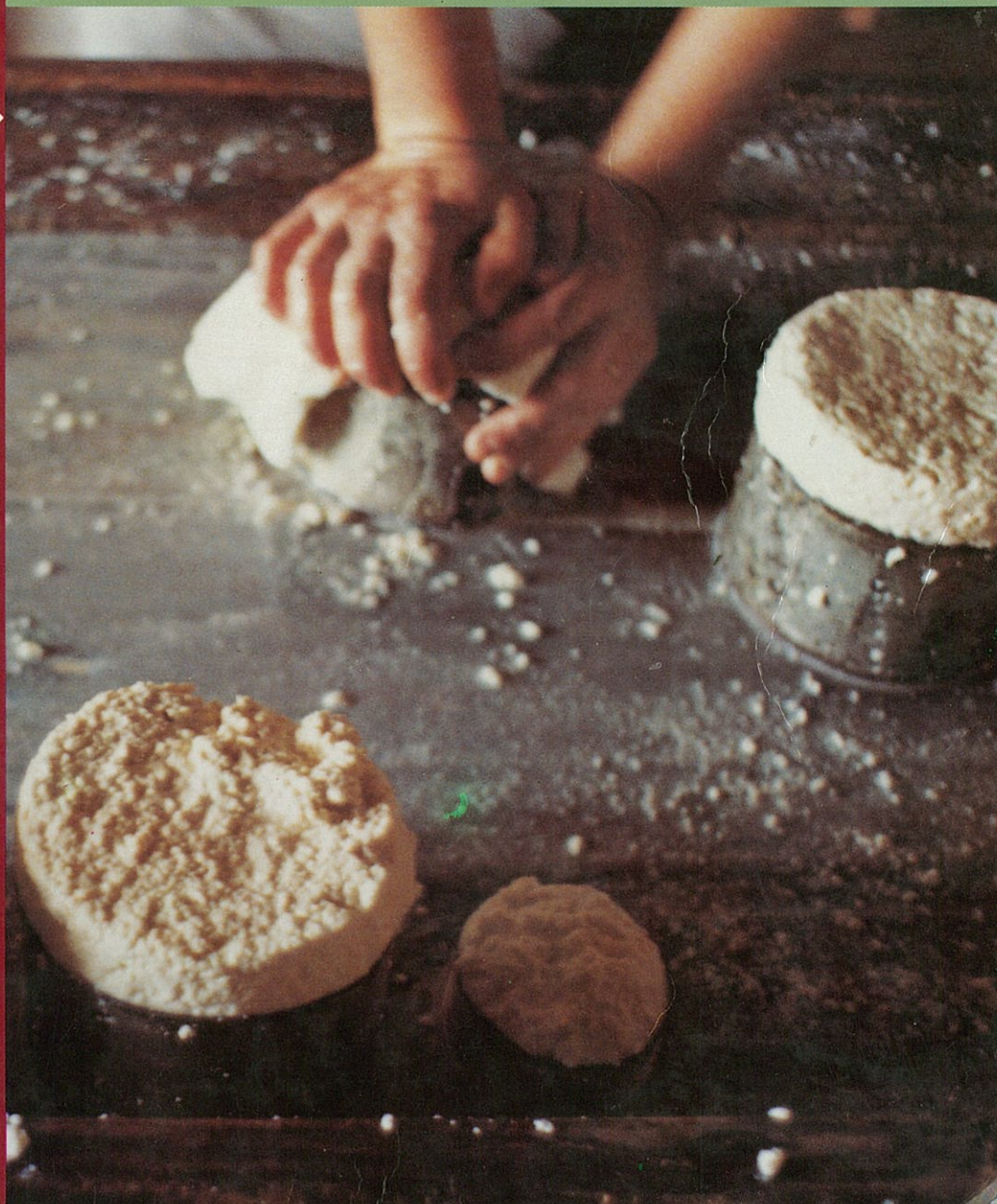


4

Arqueologia Medieval



EDIÇÕES AFRONTAMENTO



Capa e Design Gráfico: Gil Maia.

Fotografia da capa e da contracapa: Luís Pavão

ISSN: 0872-2250

Nº de edição: 572

Depósito legal: 66923/93

Edição: Edições Afrontamento, Lda. — Rua Costa Cabral, 859 — 4200 Porto — Portugal

Telefones: (02) 529271, 594880 — Telefax: (02) 591777

Impressão: Rainho & Neves, Lda. — Santa Maria da Feira

Acabamento: Rainho & Neves, Lda — Santa Maria da Feira

Periodicidade: Anual

Ano de publicação: 1996

UMA SOCIEDADE TRIBAL NO BAIXO ALENTEJO MEDIEVAL?

JAMES L. BOONE*

Desde 1988 a Universidade do Novo México e o Campo Arqueológico de Mértola têm vindo a colaborar em diversas campanhas de escavações e em levantamentos destinados a clarificar os nossos conhecimentos acerca da organização social e económica da vida rural durante o período da islamização do Baixo Alentejo (Boone 1992, 1993). Neste breve texto irei apresentar algumas interpretações dos resultados deste trabalho, o qual tem como principal conclusão que a organização social rural e a subsistência durante o período islâmico diferem radicalmente tanto das organizações que teriam existido durante o período romano, como das que se lhe seguiram no período pós-medieval.

RESULTADOS DO LEVANTAMENTO DE VERÃO DE 1992

No Verão de 1992, um levantamento preliminar numa área de 64 Km² 24 Km a Oeste de Mértola, foi realizado pela equipa da Universidade do Novo México (Figura 1). Trinta e cinco povoados pré-romanos, datando da Idade do Bronze e da Idade do Ferro, vinte e dois sítios romanos e 157 estações islâmicas foram localizadas.

* Anthropology Department. University of New México — Albuquerque, New México 87131 — USA.

Os sítios romanos (Figura 2) tendem a localizar-se à volta de áreas conhecidas como *chadas*: zonas baixas de solos profundos, livres de pedras, e facilmente aráveis usando os métodos tradicionais. Poderá ter um certo significado o facto de as *vilas* romanas (representadas pelos triângulos pretos) se localizarem nos mesmos sítios que as grandes propriedades dos nossos dias como, por exemplo, Monte Velho, Pereiras, Costa e Papa Leite (representadas na planta pelos triângulos brancos).

Um aglomerado de pequenos sítios que contêm alguns fragmentos de *tegulae* romanas, normalmente misturadas com telha islâmica do período posterior, localiza-se nas imediações de Simões e S. João dos Caldeireiros. A importância destes sítios é ainda desconhecida. Contudo poderá ser a prova da existência de povoamentos de transição entre os períodos tardo-romano e islâmico.

É importante notar-se também que nenhuma das vilas romanas analisadas neste



0 40 km

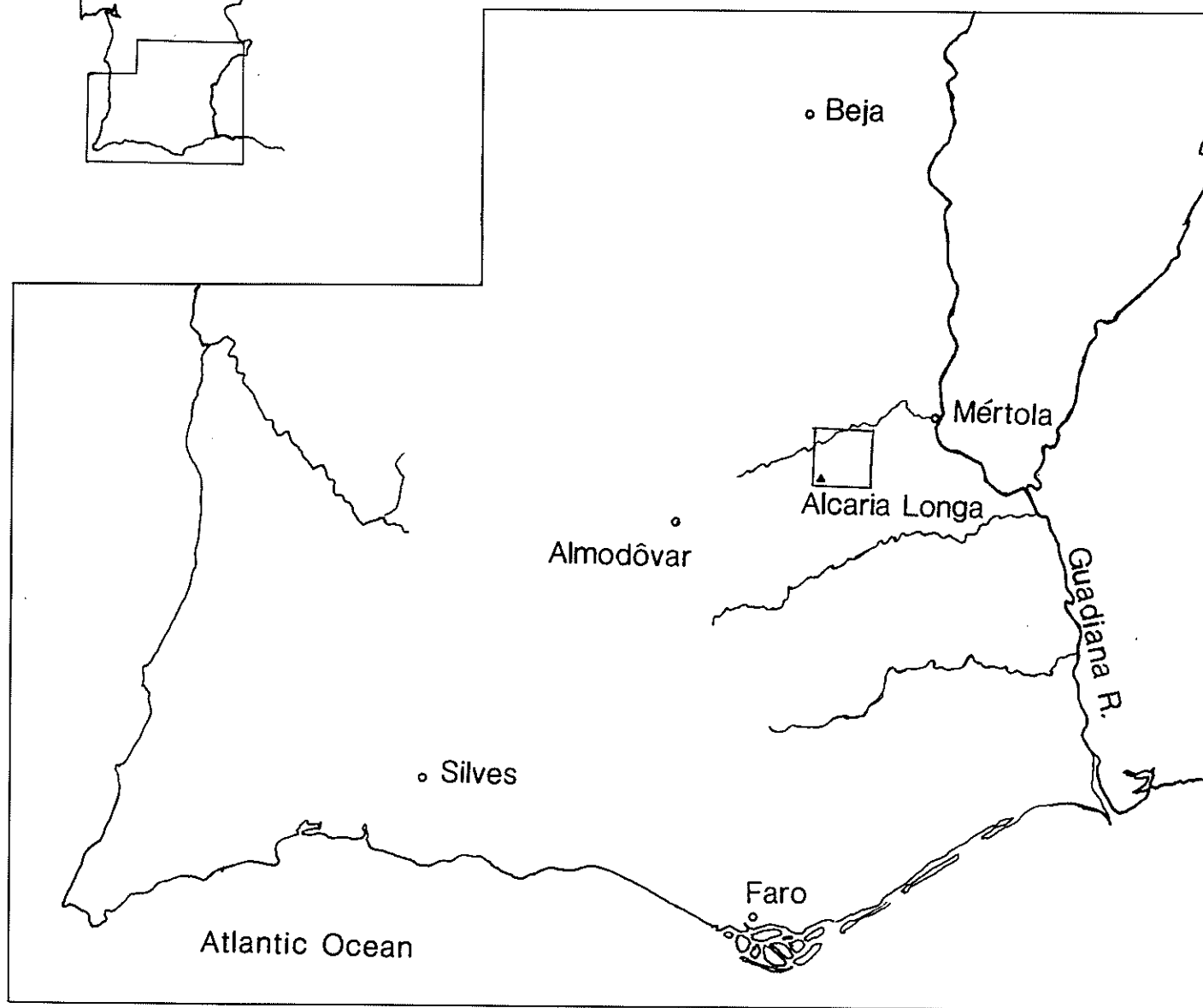
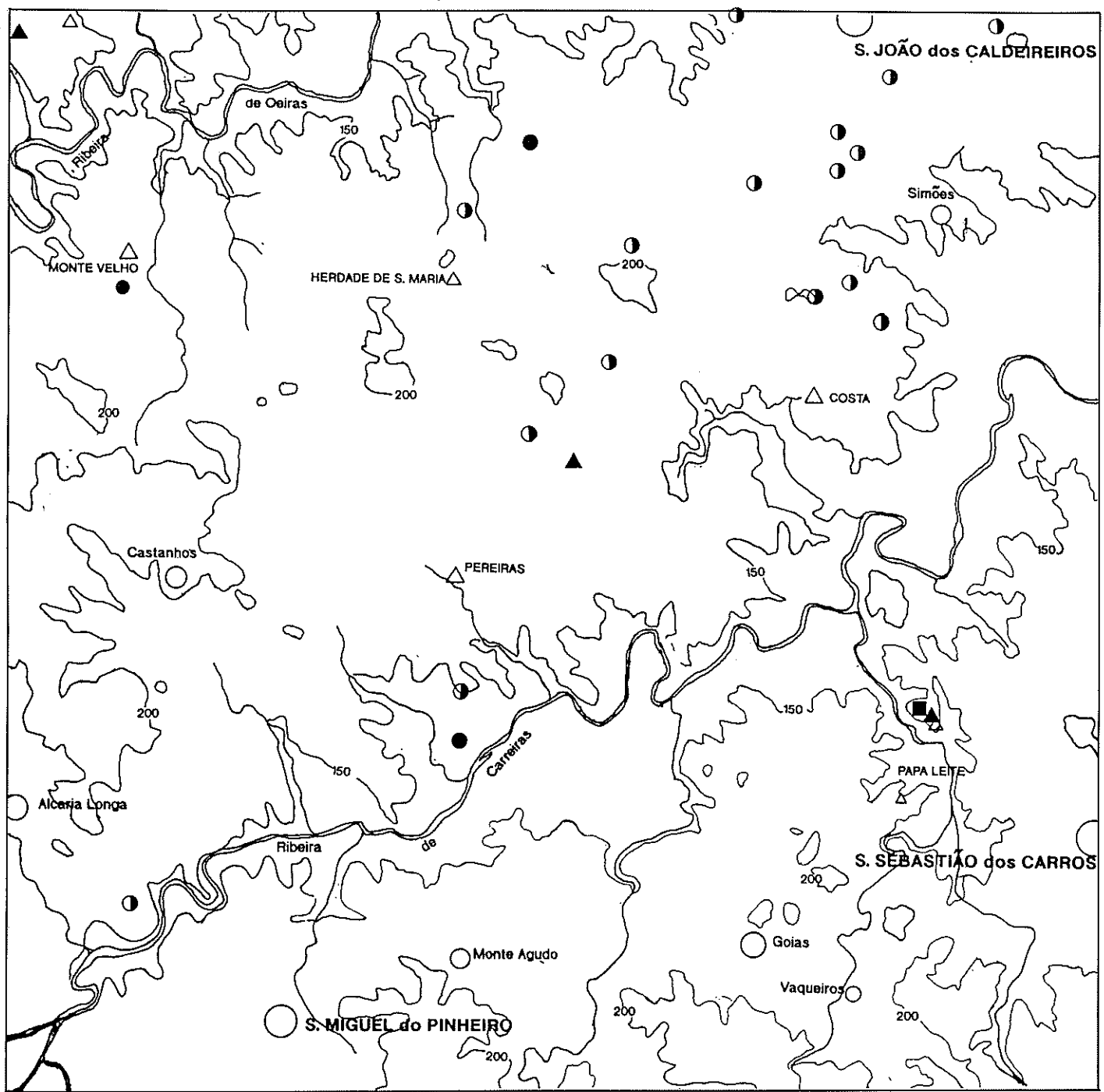


Fig. 1—Mapa do Sul de Portugal mostrando a localização do levantamento de 1992 e o sítio de Alcaria Longa.



SÍTIOS ROMANOS

- ▲ "Vilas" localizadas nos vales.
- "Vilas" localizadas nos cumes
- Castellum
- Sítios com poucos materiais romanos, de natureza indeterminada.

Fig. 2 - Levantamento de 1992: sítios do período romano.

levantamento apresenta prova de uma ocupação permanente até ao período islâmico. Estas vilas teriam sido abandonadas durante o período romano e não voltaram a ser reocupadas. Em contraste, as vilas romanas do Algarve (Vila Moura) e do Alto Alentejo (Monte da Cegonha), apresentam sinais duma ocupação contínua até ao período islâmico.

No período subsequente, os locais de implantação islâmica (Figura 3) cobrem toda a área do levantamento de modo uniforme e com grande densidade. Os sítios variam, em termos de área, entre pequenas áreas com telha espalhada de 300 a 500 metros quadrados e aldeias de 4 hectares. As estações mais pequenas provavelmente não representam domicílios, mas sim habitações temporárias ou «choças» para pastores ou ceifeiros. A localização preferida deste tipo de povoados parecem ter sido as encostas altas viradas a Sudoeste. A distribuição dos sítios islâmicos parece indicar o desenvolvimento de técnicas de exploração dos campos pela população camponesa durante este período, técnicas estas que não se restringiram a um só tipo de solo ou local. Nas vilas romanas, porém, este tipo de fenómeno agrícola não se verificou. Segundo penso, a população do período islâmico explorou de forma mais intensiva a prática pecuária destinada ao consumo doméstico. Em contraste, no período pós-medieval o gado terá sido apropriado exclusivamente pela classe senhorial. As comunidades do período islâmico terão tido uma maior autonomia no controlo do gado, tanto no que diz respeito à sua procriação como no que se refere à sua exploração. A ideia deste controle sobre o gado e o uso coordenado, entre as comunidades, das terras em pousio, em alguns casos usadas para pastagem, terá sido um «pára-choque» contra as frequentes falhas de produção cerealífera assim como para os

longos períodos de pousio. Sem esta fonte de subsistência suplementar esta zona do Baixo Alentejo não poderia ter suportado tão elevadas densidades populacionais. Embora o espaço habitacional na actualidade (representado pelos círculos brancos) pareça ser mais agregado, o povoamento durante o período islâmico apresenta densidades populacionais mais elevadas do que as que se verificam hoje em dia.

ESCAVAÇÕES EM ALCARIA LONGA

A juntar a este levantamento, a equipa UNM-CAM tem prosseguido uma campanha de escavações num povoado rural ocupado entre o século X e o final do século XII, situado perto do monte de Alcária Longa (Boone 1992, 1993). Este trabalho tem sido orientado com o objectivo de responder às seguintes questões:

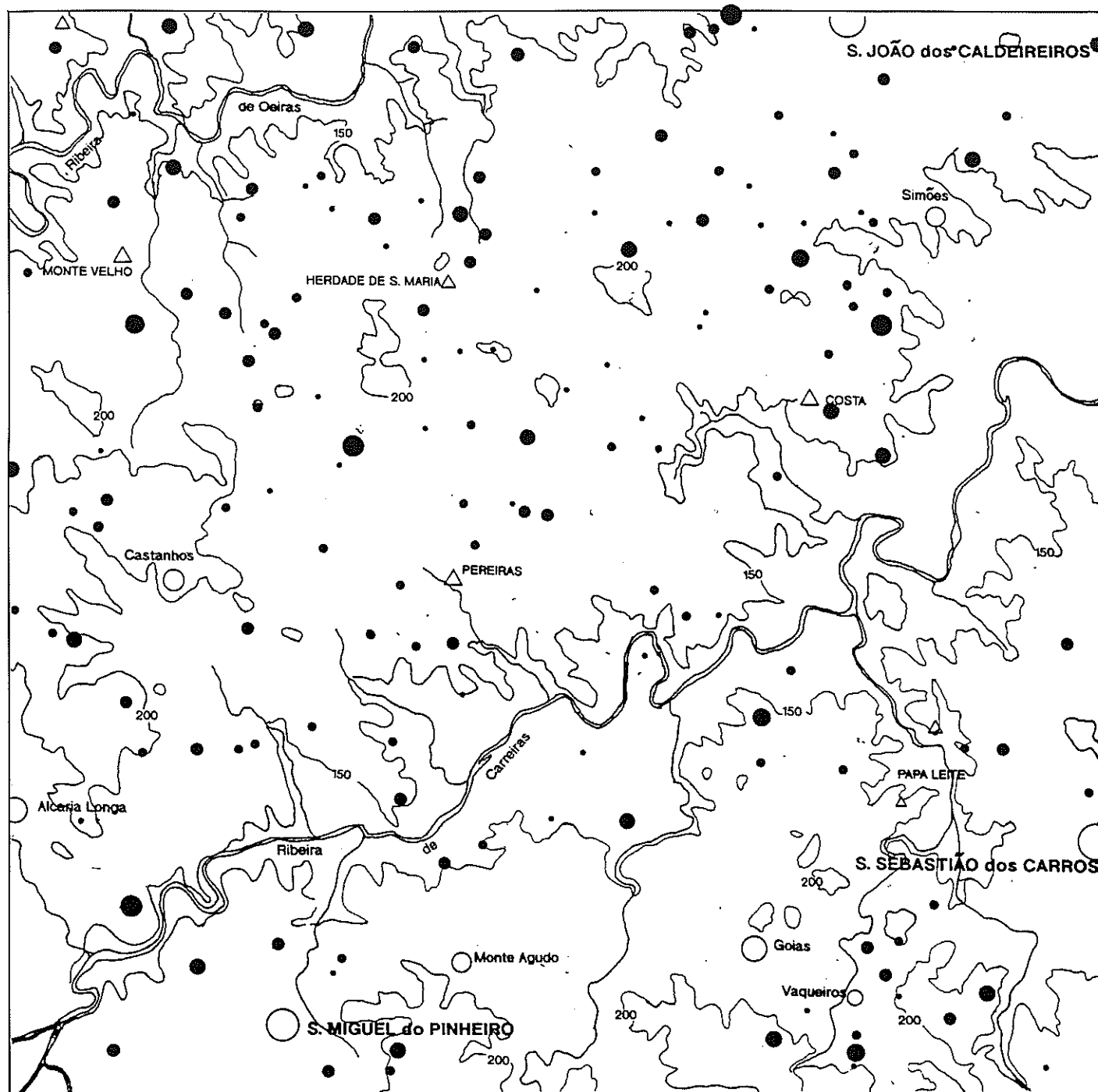
- 1) qual era a organização económica e social da população rural durante este período?
- 2) que relação poderemos estabelecer estas formas de vida e os elementos culturais introduzidos pela migração Árabe e Berbere nesta região?
- 3) que relação poderemos estabelecer entre estas formas de vida e as permanências do período pré-islâmico?

A discussão a desenvolver irá focar-se nos dados das escavações, que apontam, numa perspectiva etno-arqueológica, para um enquadramento da vida económica e social dos habitantes de Alcária Longa na organização da vida doméstica no Baixo Alentejo tradicional e dos berberes do Norte de África. Apresentarei dados comprovativos sobre estas questões em três domínios:

- 1) no que se refere à organização espacial dos domicílios;
- 2) no que diz respeito aos sistemas de produção e distribuição de cerâmica; e
- 3) no que se relaciona com os padrões de adorno utilizados pelas pessoas daquela comunidade.

ORGANIZAÇÃO ESPACIAL DOS DOMICÍLIOS

A organização espacial dos três complexos escavados em Alcária Longa apresenta dados surpreendentes no contexto da islamização (Figura 4). Cada complexo consiste numa casa orientada no sentido Noroeste-Sudeste dividida em três secções, e uma estrutura adjacente mais pequena com um único compartimento, orientado no sentido Nordeste-Sudoeste. As duas estruturas estão organizadas perpendicularmente entre si e à volta de um pátio



SÍTIOS ISLÂMICOS

- .4 a 4 ha
- .18 a .4 ha
- .08 a .18 ha
- .01 a .08 ha

0 1 2 km

Fig. 3 - Levantamento de 1992: sítios do período islâmico.

de uso privado. Esta organização espacial repete-se nos três complexos escavados.

Numa tentativa de interpretação, penso as estruturas longas orientadas no sentido Noroeste-Sudeste seriam áreas dedicadas à vida social e para repouso, e também para a preparação de refeições. A outra estrutura seria destinada a actividades de indústria artesanal e, em algumas ocasiões, também para cozinhar.

Há provas arqueológicas que apontam para uma especialização de funções nos três complexos. No terceiro complexo existem restos de duas forjas que contêm carvão e escória, indicativas do uso por um ferreiro. Um martelo de ferro, talvez para moldar o metal, foi recuperado do solo da outra estrutura deste complexo. No segundo complexo, foram encontrados vários artefactos relacionados com a tecelagem: dois fusos de bronze e uma torre de roca. Nas estruturas mais longas, encontraram-se a maior parte das lareiras, construídas com fragmentos de telha e cobertas com barro cozido. Nestas foram

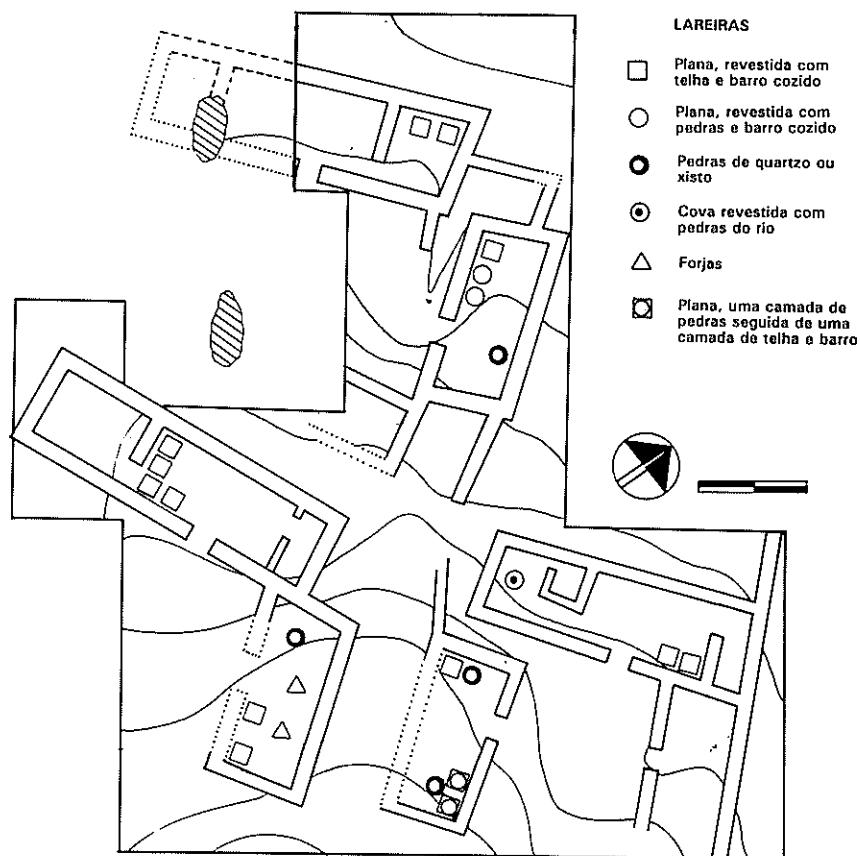


Fig. 4 – Planta dos três complexos habitacionais escavados em Alcária Longa.

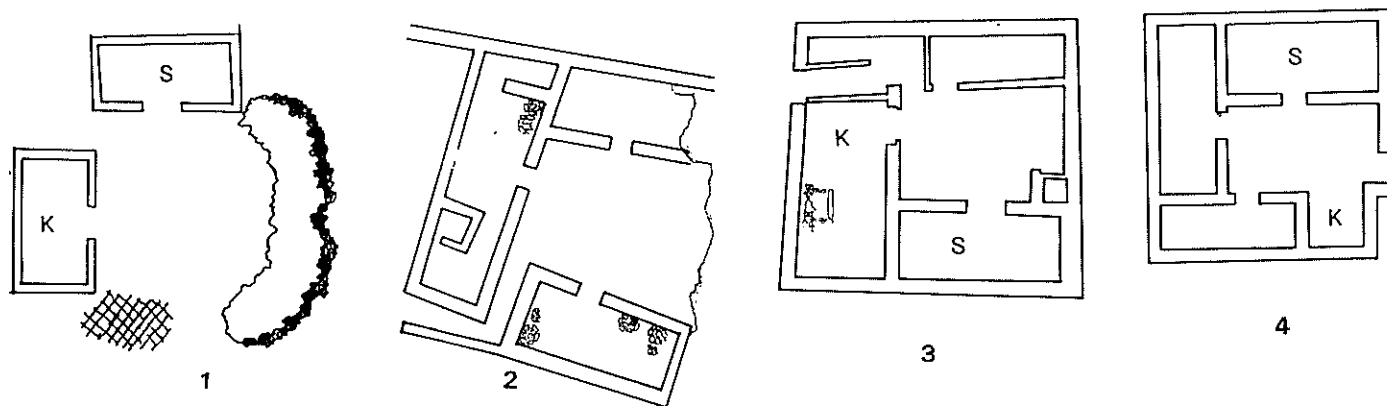


Fig. 5 – Plantas dos vários complexos habitacionais islâmicos, mostrando semelhanças na organização espacial (k=cozinha, S=quarto de repouso). Da esquerda para a direita: 1) casa rural de Lechba, Andjera, norte de Marrocos, c. 1980; 2) Complexo 2 em Alcária Longa, séc. XI-XII; 3) Casa 308 em Qsar es-Seghir, Marocco, séc. XIV; 4) Casa rural em Beni Said, norte de Marrocos, c. 1950.

encontradas cinzas e ossos de animais, muitos destes com marcas de esquartejamento. A análise das espécies animais encontradas é apresentada pelo Prof. Miguel Telles Antunes neste volume. Predominam as ovelhas, seguidas das vacas. Estão também presentes ossos de veado, perdiz ou codorniz, cão, lebre e coelho. Há, contudo, a registar uma total ausência de dados relacionados com o consumo da carne de porco.

A organização espacial das casas evidencia um forte paralelo com o complexo rifiano de Norte de África (duas estruturas organizadas à volta dum pátio interior) a qual tem sido interpretada como uma adaptação rural da casa urbana islâmica (Mikesell 1961; Redman, Boone e Myers 1982; Figura 5). As áreas de preparação da comida e de repouso são bem separadas. Os convidados são recebidos e a comida é servida num dos quartos de repouso ou no pátio, e não na cozinha. A separação da cozinha das áreas de repouso reflecte indirectamente a estrita separação entre as actividades masculinas e femininas na sociedade muçulmana tradicional. O plano geral das habitações escavadas em Alcaria Longa poderá ser, da mesma forma, uma adaptação rural da casa islâmica urbana. Se esta forma de organização espacial foi o resultado duma evolução paralela ou uma influência directa marroquina é ainda uma questão a responder.

Há, contudo, uma diferença importante entre as casas de Alcaria Longa e as casas marroquinas. Ainda que estas pareçam imitar a organização espacial islâmica, o posicionamento das lareiras de cozinha nas áreas de repouso parece violar uma das regras essenciais da organização habitacional islâmica: a estrita separação das actividades masculinas e femininas.

Esta situação reflecte proximidades e contrastes com a organização espacial do *monte* pós-medieval. A figura 6 representa, em planta, o *monte* de Vaqueiros, localizado a 4 Km de Alcaria Longa. Aqui a célula básica da casa consiste numa cozinha e num quarto de dormir. A entrada para a casa é geralmente através da cozinha, onde as refeições são preparadas e servidas, e os convidados acolhidos.

Consequentemente, a lareira é o coração da casa e não há estrita separação social entre homens e mulheres. Esta célula fundamental forma a base dos aglomerados habitacionais. À medida que o povoado cresce, estes aglomerados formam *montes*. Todos os elementos sugerem que esta forma de organização do povoamento data dos séculos XV e XVI, durante um novo período de crescimento populacional no Baixo Alentejo.

Parece, em conclusão, que os complexos habitacionais escavados em Alcaria Longa constituem uma forma «híbrida» apre-

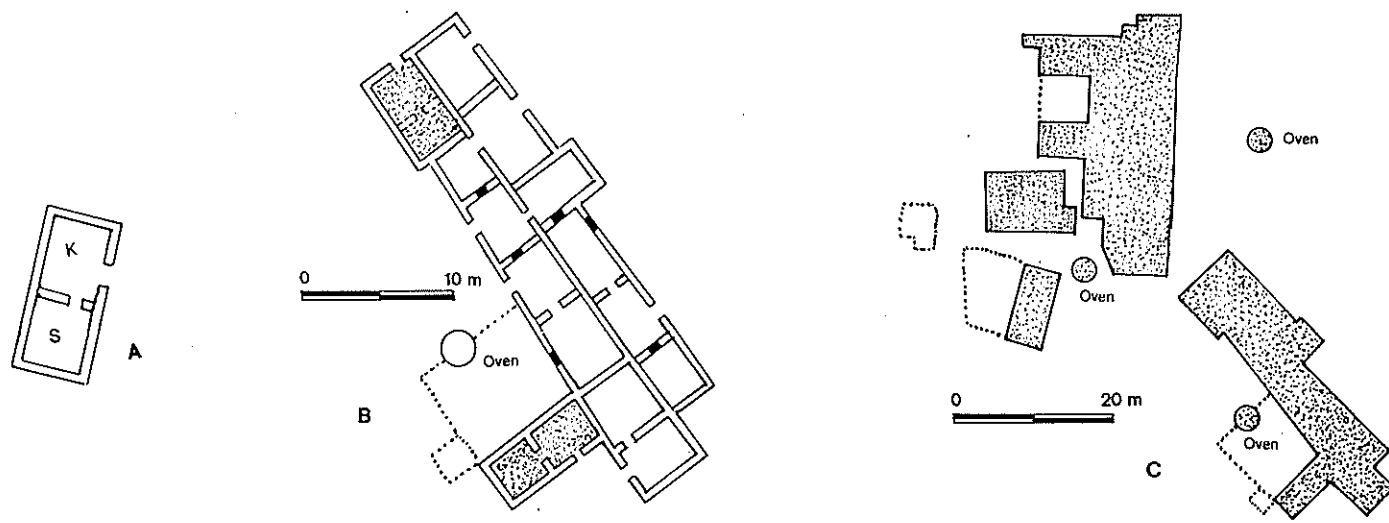


Fig. 6 – Planta do monte de Vaqueiros, Baixo Alentejo, Portugal. A) representa uma célula básica do monte, com entrada através da cozinha. B) mostra como as células são agregadas, formando um bloco de casas. C) mostra a planta geral do monte.

sentando o plano geral da casa marroquina. No entanto, o posicionamento das lareiras de cozinha é característico da organização familiar norte-mediterrânica.

Os métodos de preparação das refeições no período islâmico e pós-medieval diferem também entre si. Hoje em dia é usado, na tarefa de cozer o pão, o forno comunitário. Até agora não foi encontrada qualquer prova do uso deste tipo de forno nas escavações de Alcaria Longa. Em vez destes fornos, encontram-se lareiras de telha fragmentada cobertas com barro cozido e construídas directamente no chão da casa. Em Marrocos, um tipo de lareira muito semelhante é usado pelas mulheres para cozer «pão de cinzas». Põem-se então as seguintes questões: até que ponto este tipo de lareira aparece no Baixo Alentejo no passado? Serão estas lareiras uma inovação introduzida pelos berberes ou seriam já comuns entre as populações rurais pré-islâmicas?

Um utensílio de cozinha que não aparece nas escavações de Alcaria Longa, mas que é comum nas cozinhas rurais e urbanas do Norte de África, é o fogareiro de cerâmica. Estes fogareiros têm sido recuperados nos níveis do período islâmico da Alcáçova de Mértola, o que indica que esta técnica de cozinhar era predominante entre as elites urbanas, mas não foi utilizado pelas populações rurais. Tudo isto aponta para uma diferença cultural importante a nível doméstico entre os habitantes das cidades e os camponeses.

PRODUÇÃO E DISTRIBUIÇÃO DE CERÂMICA

Os berberes do Norte de África mantêm hoje em dia a tradição da produção de

cerâmica feita à mão (Balfet). Estas vasilhas são feitas unicamente pelas mulheres em casa, para uso no próprio domicílio. Em paralelo com esta produção doméstica, coexiste um sistema de «produção em massa» de utensílios de cerâmica feitos na roda, sendo esta ocupação estritamente masculina. A ela segue-se o trabalho dos vendedores nas feiras periódicas e nos mercados urbanos. A tradição de produção doméstica pelas mulheres é marcadamente conservadora, e tem sido mantida praticamente sem alteração desde tempos pré-romanos, sobrevivendo às tumultuosas mudanças sociais trazidas pelas invasões Romanas e Árabes e mesmo, nestes últimos dois séculos, ao contacto com os ocidentais.

Se os berberes foram responsáveis pelo «repovoamento» geral da Península durante o período islâmico; se este repovoamento envolveu o movimento em massa de famílias inteiras; e se este repovoamento foi um factor importante no processo de islamização da Península, seria de esperar que os berberes trouxessem com eles a tradição de produção doméstica de cerâmica. Contudo, tal fenómeno não parece ter acontecido.

No espólio de quase 7000 fragmentos de cerâmica recuperados em Alcaria Longa, só há três fragmentos de potes feitos à mão. Porém, no outro lado da Península (Alicante) a Dra. Sónia Gutierrez tem provado que os vasos de cerâmica feitos à mão encontrados nos povoados paleo-islâmicos mostram uma clara continuidade com as tradições tardo-romanas. A produção de cerâmica feita à mão decresceria ao longo do período islâmico.

Existem várias interpretações possíveis para este fenómeno. Uma é a de que os berberes vindos do Norte de África casaram com mulheres indígenas que não tinham como tradição fazer utensílios de cerâmica à mão.

Este processo específico de síntese cultural poderá explicar a presença de elementos culturais árabo-berbere nos povoados rurais, especialmente relacionados com actividades masculinas (organização política e da produção, construção de casas) e a continuidade regional das tradições relacionadas com as actividades femininas, como, por exemplo, a organização da vida doméstica. Este facto será discutido com maior detalhe na conclusão final.

É interessante notar que os fragmentos de cerâmica comum recuperados em Alcaria Longa apresentam as mesmas formas, pastas e técnicas de fabrico que as cerâmicas comuns de Mértola. Análises químicas e petrográficas realizadas a fragmentos de cerâmica comum feita na roda sugerem que esta poderia ter sido fabricada a partir de vários tipos de barro abundantes num raio que oscila entre 20 e 50 km. Contudo, nem Mértola nem Alcaria Longa parecem ter sido locais prováveis de fabrico de cerâmica. Poderá, por isso, ter havido uma indústria especializada em cerâmica comum na região, que abasteceu tanto Mértola como Alcaria Longa. A localização destes centros de produção de cerâmica e a futura escavação de sítios que sejam anteriores ao período islâmico serão cruciais para determinar se esta indústria permaneceu após o período islâmico.

PADRÕES DE ADORNO PESSOAL

Foram recuperados nas escavações de Alcaria Longa, para além de fragmentos de cerâmica, muitos artefactos. A grande maioria destes artefactos não-cerâmicos são, porém, objectos de adorno pessoal com um valor económico relativamente alto. Estes incluem duas moedas perfuradas, dois anéis de prata, fragmentos duma corrente em prata e um brinco de prata em filigrana (Boone 1992, 1993; Figura 7). Os contextos em que estes artefactos foram encontrados indicam que tais peças de joalharia foram perdidas durante o seu uso, e não atiradas intencionalmente para o lixo. Pode deduzir-se que este tipo de joalharia foi frequentemente usada pelos habitantes do povoado.

Levanta-se então a questão: qual seria o contexto sócio-económico deste meio rural para que frequentemente se usasse joalharia na vida quotidiana? Talvez uma analogia etnográfica com os berberes do Norte de África nos forneça uma resposta. A prata é um importante meio de converter, de forma durável, os excedentes de produção de comestíveis (particularmente do gado) conseguidos durante períodos de abundância. Durante épocas de escassez, a prata pode ser novamente convertida em produtos alimentares. Usada pelas mulheres antes

de casamento, a quantidade e qualidade das peças de joalharia são uma forma de representar os reais poder e riqueza das respectivas famílias. O que é importante é que estas populações são mais ou menos autónomas tanto no que diz respeito à produção como no que se refere à retenção de excedentes.

Esta situação contrasta de modo flagrante com o observado na região durante o Antigo Regime, nas quais os produtores estavam directamente ligados aos donos da terra numa relação patrão-cliente. Uma vez que todo o excedente pertence aos donos da terra, nada resta para ser convertido em riqueza durável pelos produtores.

Parece, então, que os habitantes de Alcaria Longa durante o período islâmico tiveram



Fig. 7 – Um brinco de prata em filigrana, recuperado nas escavações em Alcaria Longa, 1993.



Fig. 8 – Telha com inscrição árabe, recuperada nas escavações em Alcaria Longa, 1993. Provável transliteração: M'LIM (segundo Abdallah Khawli, CAM).

organização uma política e económica que lhes permitiu controlar os excedentes. Como sugeri no princípio deste artigo, o uso organizado do gado pela comunidade (particularmente o das ovelhas), em conjugação com a produção cerealífera, terá fornecido excedentes suficientes para garantir às populações alimento durante as frequentes e características falhas de produção de cereais no Baixo Alentejo.

QUEM VIVEU EM ALCARIA LONGA?

Foi apresentada neste artigo prova de que a organização político-social das populações rurais do Baixo Alentejo durante o período

islâmico manifesta um maior paralelo com o sistema Rifiano-Berberes do que com o sistema de organização social dos camponeses característico do período Pós-Medieval. É tentador interpretar estas similaridades à luz dos significativos fluxos migratórios de populações berberes para a Península Ibérica durante este período. Contudo, há que notar que o padrão de organização social, a produção doméstica de cerâmica e o consumo em Alcaria Longa diferem significativamente dos padrões estudados em sociedades tradicionais berberes. Ao mesmo tempo estamos aparentemente perante uma forma de hibridação entre os padrões familiares do Norte de África e norte-mediterrânicos. Como poderemos interpretar estes padrões?

Há pouco sugeri como uma possível explicação para este fenómeno de «hibridação» o casamento entre homens berberes e mulheres autóctones. Porém, o Prof. Miquel Barceló tem manifestado um forte desacordo com esta teoria, argumentando de que é sabido que as migrações berberes envolviam o êxodo de famílias inteiras, de forma a que não se violasse a lógica de endogamia do clã com a realização de casamentos fora do seu seio. Embora o Prof. Barceló possa estar certo, há que ter em conta que devemos ser cuidadosos

quando procuramos impor um esquema do ponto de vista antropológico onde poderá existir uma realidade demográfica muito diferente. Em qualquer caso, a quase completa ausência da tradição em produzir cerâmica feita à mão a um nível doméstico, terá que ser explicada de alguma maneira.

Outra possível explicação para os elementos recolhidos em Alcaria Longa será a de que as populações rurais do Baixo Alentejo são «muladis» (populações autóctones convertidas ao islamismo), nos quais este tipo de organização tribal representa o ressurgimento dum esquema comunitário que terá estado presente nesta área durante a Idade do Ferro, muito antes da colonização romana. Em qualquer caso, é evidente que as populações rurais do Baixo Alentejo foram parcialmente arabizadas durante o período islâmico, como o comprovam as inscrições árabes em telhas recolhidas, no fim do Verão de 1993, em Alcaria Longa (Figura 8; uma telha com inscrição em árabe foi recentemente encontrada no Montinho das Laranjeiras, um sítio da mesma época localizado ao sul de Alcouthim; Coutinho 1993).

As interpretações aqui apresentadas são meras tentativas de explicação, e é claro que uma mais profunda pesquisa nestes povoados rurais será necessária para chegar a uma conclusão sobre o que poderá ter acontecido durante a islamização. Parece muito provável que o processo de mudança tenha variado nas distintas áreas da Península Ibérica. No que diz respeito ao Baixo Alentejo, propus, de forma intencional, alternativas radicais à ideia de que a islamização ocorreu unicamente devido à emigração em massa a partir do Norte de África. Quer estas interpretações estejam correctas ou não, os dados arqueológicos a recolher em futuras pesquisas terão de ser enquadrados a partir das informações que objectivamente proporcionarem e não analisados na óptica de um enquadramento histórico pré-concebido.

AGRADECIMENTO

Agradece-se a Celeste Meneses Boone a tradução deste artigo.

BIBLIOGRAFIA

- Antunes, Miguel Telles, 1995.
Espólio osteológico e malacológico de Alcaria Longa e Mértola (neste volume)
- Balfet, Helene, 1981.
Production and distribution of pottery in the Maghreb. *Production and Distribution. A ceramic view point*, Hillary Howard and E.L. Morris, editors, pp. 257-269. British Archaeological Reports International Series, Oxford.
- Boone, James L., 1992.
The First Two Seasons of Excavations at Alcaria Longa in «Arqueologia Medieval», 2:111-125.
- Boone, James L. and Elizabeth Garret, n.d.
Clay Sources for Islamic Period Ceramics Recovered at Alcaria Longa and the Alcacova de Nertola: the Petrographic Evidence. ms.
- Boone, James L., J. Emlen Myers, and Michael Glasscock, n.d.
Compositional Analysis of Melado and Clear-Glazed Redwares from Three Islamic Period Sites in the Lower Alentejo of Portugal. ms.
- Coutinho, Hélder, 1993.
Cerâmica Muçulmana do Montinho das Laranjeiras in «Arqueologia Medieval» 2:39-54.
- Gutierrez Lloret, Sonia, 1998.
Cerámica común Paleoandalusí del Sul de Alicante. Alicante: Editorial Caja de Ahorros Provincial de Alicante.
- Mikesell, M. W., 1961.
Northern Morocco: A Cultural Geography. Berkeley and Los Angeles: University of California Press.
- Redman, C.L., J.L. Boone, and J.E. Myers, 1982.
Fourth Season of Excavations at Qsar es-Seghir in «Bulletin d'Archeologie Marocaine» 2:263-287.